

Café Filosófico - 2016

Reflexões Filosóficas sobre a Morte

Textos escolhidos – Filosofia Antiga e Medieval

Professor Luciano Caldas Camerino – Depto. De Filosofia ICH UFJF

“Cada escola (da filosofia antiga) elaborará então sua representação racional desse estado de perfeição que deveria ser o do sábio e se dedicará a traçar-lhe o retrato.(...) Haverá assim um perpétuo conflito entre a tentativa do filósofo de ver as coisas tais quais elas são do ponto de vista da natureza universal e a visão convencional das coisas sobre a qual repousa a sociedade humana (...) Cada escola representará então uma forma de vida, especificada por um ideal de sabedoria. (...) em todas as escolas serão praticados exercícios destinados a assegurar o progresso espiritual na direção do estado ideal da sabedoria (...) em todas as escolas, por razões diversas, a filosofia será especialmente uma meditação sobre a morte e uma atenção concentrada sobre o momento presente, para desfrutar dele ou para vivê-lo em plena consciência.” (Pierre HADOT, Elogio da Filosofia Antiga, SP, Edições Loyola, pags. 21-24)

Os textos a seguir foram pesquisados na obra “O Pensamento Antigo”, de Rodolfo Mondolfo, editado pela Editora Mestre Jou, SP, 1971.

ANAXIMANDRO DE MILETO (610-9 – 547-6 AC)

“Aí, de onde vem a geração dos seres, também se realiza a sua dissolução, segundo uma lei necessária, pois eles devem pagar reciprocamente a culpa e a pena da injustiça na ordem do tempo.” (Simplício, Física, 24, 13)

Segundo alguns comentadores, para Anaximandro tudo proveio do ser infinito por meio da separação dos oponentes, que vivem em permanente luta.

PITÁGORAS DE SAMOS (580 – 497-6 AC)

“O que ele (Pitágoras) dizia aos seus companheiros ninguém pode dizer com segurança, pois também o silêncio entre eles não era casual. Por outro lado, eram particularmente conhecidas entre todas estas doutrinas: 1) que afirma ser a alma imortal; 2) que ela transmigra de uma a outra espécie de animais; 3) além disso, que dentro de certos períodos os acontecimentos de uma vez voltam ainda e que nada mais existe de absolutamente novo; 4) que é necessário acreditar que todos os seres vivos sejam parentes entre si. De fato, parece que na Grécia estas crenças foram introduzidas pela primeira vez por Pitágoras (Dicearco, cit. em Porfírio, Vida de Pitágoras, 19)

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO (492 – 432 AC)

“Os poderes difundidos pelas partes dos corpos são restritos; e muitos males vêm perturbar os seus pensamentos. Os homens vêm apenas uma pequena parte de uma vida que não é vida; condenados à prematura morte, são roubados e diluem-se como fumaça. Cada um deles acha-se persuadido somente do que encontra por acaso; e, arrastado em todas as direções, vangloria-se de descobrir tudo.”

“Insensatos! Pois não têm pensamento de larga visão; crêem que possa nascer o que antes não era ou que qualquer coisa possa perecer e ser destruída por completo (fr. 11). Não há, portanto, nenhuma possibilidade

de que algo venha a nascer do que não existe de modo algum, e é impossível e inexpressível que o que é possa perecer, porque o ser sempre estará aí onde encontramos um ponto firme. (fr. 12) Dir-te-ei outra coisa: não há nascimento de nenhuma de todas as causas mortais, nem nenhum fim de morte funesta, mas somente mistura e troca de causas mortais que se chama nascimento entre os homens (fr. 8) E quanto estes (os elementos das causas) surgem mesclados à luz etérea ou em forma de homem, ou em formas de animais selvagens, ou de arbustos ou pássaros, então os homens chamam a isto – nascer; quando depois se desagregam, chamam a isto, em compensação, - morte infesta; mas não falam com justeza.”

TEXTOS PESQUISADOS NA OBRA “OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS”, ORGANIZADO POR GERD BORNHEIM, EDITORA CULTRIX, SP, 1977

Alcmeão de Cróton, importante discípulo de Pitágoras, cujo período de vida é pouco determinado, teria dito que “os homens morrem porque não podem unir o princípio ao fim. (P. 51)

SÓCRATES (470 – 399 AC)

“Não (poderia) consentir jamais que um homem, que não tenha conhecimento de si mesmo, possa ser sábio. Pos até chegaria eu a afirmar que precisamente nisto consiste a sabedoria, no conhecer a si mesmo; e concordo com aquele que, em Delfos, escreveu a famosa frase (Platão, Carmide, 164)

“Que é o homem? – não sei dizê-lo. – Porém sabes dizer que é aquele que se serve do seu corpo. – Sim. – E quem se serve do corpo, se não a alma? ... Conhecer a alma, pois, nos ordena quem nos ordena: conhece-te a ti mesmo.” (Platão, Alcibiades, Iº, 129)

“Mas certamente, se algo da natureza humana participa do divino, é indubitavelmente a alma (Xenofonte., IV, 3)

PLATÃO (427 – 347 AC)

“E, quanto à procura da sabedoria, que dizes? O corpo não é um impedimento?... E, por isso, a alma raciocina perfeitamente quando nenhuma destas sensações a ofusca, nem a vista, nem o ouvido, nem o prazer nem a dor; mas permanecendo só, separada do corpo, desdenhosa de ter que achar-se em contacto com ele, dirige-se com todo seu poder para o que é (...) todos os que desposaram a Filosofia... têm oculta a sua aspiração, que não é senão morrer e estar mortos (Fédon, IX, 64)

“Sim, é verdade que se ressuscita, e que os vivos nascem dos mortos, e que as almas dos mortos existem...” (Fédon, XVII, 72)

“(...) tais almas... dos malvados... estão condenadas a errar em torno destes lugares, expiando a pena de sua má vida passada, e vagam até que, arrastando-as o desejo corporal que possuem, se unem novamente a um corpo.” (Fédon, XXX-I, 81), então n~os

EPICURO (341 – 270 AC)

“Assim como a Medicina em nada beneficia se não libertar dos males do corpo, assim também a Filosofia se não libertar das paixões da alma ...” (Epíst. A Men., 122)

“Habitua-te a pensar que nada é a morte para nós: pois todo mal e todo bem se acham na sensibilidade: e a morte é a privação da sensibilidade... O mais horrendo dos males, então, a morte, nada representa para nós: pois, enquanto existimos, a morte não existe e, quando existe a morte então nós já não existimos... Por isso, é insensato aquele que diz temer a morte, não porque lhe doerá quando ela chegar, mas porque lhe dói prevê-la...” (Ep. a Men., 124-5)

“A alma é corpórea, composta de partícula sutis, difundida por toda a estrutura corporal, muito semelhante a um sopro que contenha uma mescla de calor (...) dissolvendo-se todo o organismo, a alma desaparece, e já não tem as mesmas faculdades, nem se move, pelo que não possui mais sensibilidade.” (Ep. a Heród., 63-65)

ESTOICISMO (sec. IV e III AC)

“Zenão determinou o fim da seguinte maneira: a harmonia da vida; isto é, viver segundo uma razão única e harmônica, pois é próprio de infelizes viver de modo incoerente... Cleanto...acrescentou as seguintes palavras: com a natureza, e assim definiu: o fim é viver em harmonia com a natureza.” (Estob., Ecl, II, 76, 3).

TEXTOS PESQUISADOS NA OBRA “HISTÓRIA DA FILOSOFIA”, NICOLA ABBAGNANO, LISBOA, EDITORIAL PRESENÇA, 1979

(...) Segundo os estoicos, a alma entra no rol das coisas corpóreas com base no princípio de que é corpo aquilo que age e que a alma age. Crisipo servia-se da própria definição platônica da alma. “O incorpóreo não pode separar-se do corpo nem unir-se a ele; mas a alma une-se ao corpo e não se separa dele, portanto a alma é corpo.” (Nemésio, De nat. Nom. 2,81) Abbagnano, volume II, pag

ESTOICISMO ROMANO (sec. I DC)

“Para não temer nunca a morte, pensa sempre nela (Ep., 30, 18) Se desejas crer em quem intui a verdade mais alta, toda a vida é um suplício... Neste mar tão proceloso e exposto a todas as tempestades não há nenhum porto para os navegantes, mas a morte. Por conseguinte, não te lamentes tanto por teu irmão: descansa, repousa: finalmente livre, finalmente seguro, finalmente eterno (ad. Pol., IX, 6-7) Não caímos de improviso na morte, porém, caminhamos para ela passo a passo: e morremos cada dia. Cada dia toma-nos uma parte de vida, e ainda quando crescemos, a vida decresce.” (Ep., 24, 20)

“A alma nunca é mais divina do que quando considera a sua imortalidade, e sabe que o homem nasce, sim, para realizar o ofício da vida, porém, que o corpo não é a sua morada, mas um albergue passageiro.” (Ep., 120, 15-16)

“Os homens são agitados e perturbados, não pelas coisas, mas pelas opiniões que têm das coisas (...) se beijares tua mulher ou teu filhinho, repete intimamente: beijo um mortal, para que, morrendo essa mulher ou esse filho, não tenhas de que te lamentar.” (Man., 5)

AGOSTINHO DE HIPONA (354 – 430 DC)

Ao comentar a perda de um amigo, escreveu: “Com tal dor, entenebreceu-se –me o coração. Tudo o que via era morte. A pátria era para mim um exílio, e a casa paterna, um estranho tormento. Tudo o que com ele comunicava, sem ele convertia-se-me em enorme martírio. Os meus olhos indagavam-no por toda parte, e não me era restituído. Tudo me aborrecia, porque nada o continha e ninguém me avisava: “ali vem ele!”, como quando voltava, ao encontrar-se ausente. (...) só o choro me era doce. Só ele sucedera ao meu amigo, nas delícias da alma.” (Confissões, IV, 4)

“Era desgraçado, e desgraçada é toda alma presa pelo amor às coisas mortais. Despedaça-se quando as perde, e então sente a miséria que a torna miserável, ainda antes de as perder...”

“Creio que quanto mais o amava, mas odiava e temia, como inimigo feroz, a morte que mo arrebatara. Julgava que ela ia consumir, de repente, todos os homens, já que isto mesmo o pôde fazer a ele. Era exatamente este o meu estado de espírito, se bem me lembro.” (Idem, ibidem, 6)

Por ocasião da morte de Mônica, sua mãe, assim escreveu: “ Fechei-lhe os olhos e apoderou-se-me da alma uma tristeza imensa, que se desfazia em torrentes de lágrimas...” “(...) Parecia-nos que não ficava bem celebrar-lhe os funerais com pranto, lamentações e gemidos, porque essas demonstrações servem de ordinário para deplorar a infelicidade dos mortos ou o seu completo desaparecimento. A morte de minha mãe, pelo contrário, não foi infeliz nem total. Sabíamo-lo pelo testemunho dos seus costumes, pela sinceridade da sua fé (I Cor 15,51) e por outras razões inequívocas.” (Confissões IX, 12)

“Porém eu, pertinho dos vossos ouvidos, onde nenhum amigo me ouvia, censurava a ternura da minha sensibilidade e esforçava-me por reprimir a onda de tristeza que me invadia. Cedia ela ao meu esforço para de novo se insurgir impetuosa...” “Desgostava-me, profundamente, ser tão sensível a estas vicissitudes

humanas que irremediavelmente acontecem conforme a ordem natural e a sorte de nossa condição. Por isso, a minha dor suscitava-me uma nova dor, e afligia-me com uma dupla tristeza.” “(...) Se alguém julgar que eu pequei, chorando uns breves minutos por minha mãe – que eu nesses momentos via morta antes os meus olhos e que tantos anos por mim chorara para que eu vivesse aos vossos olhos -, esse não se ria. Mas se é dotado de grande caridade, chore pelos meus pecados diante de Vós, que sois o Pai de todos os irmãos do vosso Cristo.” (Idem, ibidem)

TEXTOS DE MARCO AURÉLIO, MEDITAÇÕES – EDITORA CULTRIX, SP, 1964

“Em todos os teus atos, ditos e pensamentos, procede como se houvesse de deixar a vida dentro de pouco. Se os deuses existem, nada há de temeroso em partir dentre os homens; eles não te haveriam de precipitar numa desgraça; mas se eles não existem ou não se importam com os assuntos humanos, que me interessa viver num mundo vazio de deuses ou vazio de providência?

Existem, porém, importam-se com os assuntos humanos e deixaram na inteira dependência do homem evitar de cair nos verdadeiros males; e se houver algum outro além desses, também teriam providenciado para que dependesse de cada qual não lhe acontecer.” (Livro II, 11)

“Como tudo desaparece depressa! No espaço, os corpos mesmos; no tempo, sua memória! Assim é com todas as sensações, sobretudo as que atraem porque deleitam ou afugentam porque doem, ou se apregoam a todos os ventos porque envaidecem.” (Livro II, 12)

“Mesmo se houveres de viver três mil anos ou dez mil vezes esse tempo, lembra-te que ninguém perde outra vida senão aquela que está vivendo, nem vive outra senão a que perde. Assim, a mais longa e a mais curta vêm a dar no mesmo.” (Livro II, 14)

“Pensa constantemente em quantos médicos morreram, depois de tantas vezes carregarem os sobrolhos à cabeceira dos enfermos; quantos astrólogos, depois de predizerem a morte de outros como se obrassem maravilha; quantos filósofos, após manterem acirradas disputas inúmeras sobre a morte ou a imortalidade; quantos potentados, após mandarem executar a tantos; quantos tiranos, depois de abusarem com tremenda arrogância, como se fossem imortais, do poder de vida e morte; quantas cidades inteiras, por assim dizer, morreram: Hélice, Pompéia, Herculano e outras inúmeras.” (Livro IV, 48)

“Recurso vulgar, porém eficaz, para o menosprezo da morte é passar em revista os que se demoraram aferrados à vida. Que vantagem tiveram sobre quem morreu prematuramente? Afinal, nalgum lugar jazem Cadiciano, Fábio, Juliano, Lépido e pessoas como eles, que, após enterrarem a muitos outros, foram por sua enterrados.” (Livro IV, 50)

“Alexandre da Macedônia e seu arrieiro igualaram-se na morte, porque ou foram recolhidos pelas mesmas razões seminais do mundo, ou se dissiparam de modo igual no seio dos átomos.” (Livro VI, 24)

“Todos os corpos passam na substância do universo como numa torrente, unificados com o todo e com ele colaborando, como nossos membros uns com os outros.

Quantos Crisípos, quantos Sócrates, quantos Epictetos já não tragou a eternidade! O mesmo pensamento te ocorra a respeito de todo e qualquer homem ou coisa.” (Livro VII, 19)

“Perto estás de esquecer tudo e de ser esquecido de todos.” (Livro VII, 21)

“Sobre a morte: ou é dispersão, se somos átomos; se somos um todo uno, ou extinção ou transmigração.” (Livro VII, 32)

“Dentro em pouco não serás ninguém em parte alguma e bem assim tudo quanto vês e todos quantos estão vivos hoje. Tudo é por natureza feito para transformar-se, mudar-se, perecer, a fim de se produzirem em seguida outros seres.” (Livro XII, 21)

“A cessação da vida, individualmente, não é um mal, posto que não é vergonhosa, por não ser de livre escolha, nem oposta ao bem comum; é um bem, porque oportuna ao todo, conveniente e trazida no movimento geral.” (Livro XII, 24)

DISCIPLINA REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE A MORTE

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – ICH – UFJF

PROF. LUCIANO CALDAS CAMERINO

TEXTOS SOBRE O EXISTENCIALISMO

1. INTRODUÇÃO

Luc Ferry, em sua obra “O Que é uma vida bem sucedida?” (2^a Edição, Traduzida por Karina Jannini, RJ, Editora DIFEL, 2008), nos apresenta diversas respostas que a Filosofia produziu para responder à essa questão.

Segundo ele, na Antiguidade, indagar-se a respeito de uma “vida boa” significava buscar um princípio transcendente e superior à Humanidade, mediante o qual seria possível medir o valor de uma existência singular; era preciso dispor de um critério sobre-humano, a partir do qual uma vida individual poderia ser avaliada. Esse parâmetro poderia ser uma ordem cósmica harmoniosa, em cujo interior todos os elementos do Universo, inclusive o ser humano, poderiam se encaixar de forma adequada. Ou, ainda, um Deus benevolente, cuja vontade superior organizaria a realidade e guiaria os acontecimentos, ainda que de forma misteriosa e incomprensível para a nossa razão. (Pag. 15).

Uma vida adequada não era considerada em relação à subjetividade, ao ideal de plenitude pessoal ou ao livre-arbítrio de cada um. Os seres humanos, para os gregos, e também para os medievais, não são os autores do cosmos, nem os sujeitos que nele atuam, mas são apenas uma ínfima parte sua, da qual não eram nem donos nem senhores. Não estávamos chamados a inventar o sentido da nossa vida, mas apenas a descobri-lo, eis que ele, o sentido, já era dado de modo imanente às coisas. Essa atitude ainda persiste em algumas correntes mais radicais do ecologismo, ou nas sabedorias orientais budistas. (Pag. 43).

Com a representação desse Logos cósmico num Deus pessoal, que se coloca antes, fora e na origem do Universo, a vida boa passa a se dar no relacionamento do Homem com a Divindade, sob cujas leis devemos voluntariamente viver. Não se procura mais a salvação através da sabedoria pessoal, mas por meio da ação da Graça e do Amor Divinos.

No mundo moderno, o Logos antigo ou o Deus cristão foram substituídos por outros ideais: nas ideologias políticas revolucionárias, uma vida pode ser justificada na medida em que se empenha na construção da História, na redenção dos oprimidos e na fé em uma ordem social justa e solidária. Tal como no Cristianismo, o martírio dos pobres será redimido nessa nova sociedade, espécie de Cidade de Deus terrena. Santos e mártires são substituídos pelos líderes revolucionários que devotaram sua vida à causa

socialista; o pecado e o mal, antes encarnados em Satanás e em seus sequazes, agora manifestam-se através de entidades abstratas, como o mercado, o capitalismo e o neoliberalismo.

Para Ferry, o que mais caracteriza a época contemporânea, pelo menos no mundo democrático liberal do Ocidente, é a convicção, alegre ou penosa, de que uma vida não pode ser avaliada segundo esses critérios de transcendência. É no interior da vida concreta, sem sairmos desse mundo, sem recorrermos à qualquer princípio superior, que podemos e devemos avaliar o êxito ou não de uma existência humana. (Pag. 17).

A ciência moderna nos deu o poder da técnica, mediante a qual nos tornamos, ou tentamos ser, os senhores do mundo. Se a princípio se desejava apenas o conhecimento das coisas, onde a razão tentaria compreender o mundo, logo se passa a um outro projeto, qual seja o de “dominarmos” o mundo. A Natureza, na visão antiga, era uma fonte de ordem e sabedoria, mas agora passou a ser vista como uma entidade neutra, desprovida de valor e significação, um vasto reservatório de objetos disponíveis para nosso uso. (Pag. 19).

O projeto técnico, em seu início, ainda obedecia a um ideal de progresso e de emancipação da Humanidade; contudo, o seu desenvolvimento traz em si a emergência da razão instrumental, onde só contam o rendimento, a eficácia e a performance. Não existem mais razões e valores exteriores, o que importa é aumentar indefinidamente a eficiência, ampliar os meios disponíveis, inventar novas formas de controle. Passamos do movimento em direção à um objetivo ao movimento sem fim, ao movimento nômade, que se justifica por si mesmo. (Pag. 20).

A Humanidade ocidental abandonou as figuras do “teológico-político”, ao abraçar os ideais democráticos. Antes, a autoridade do poder provinha da tradição e do sagrado, e agora nasce do contrato social, dos interesses e da razão. O mundo da fé passa para o espaço subjetivo, particular e fica submetido à Lei civil; os argumentos de autoridade entram em descrédito. (Pag. 39)

2. O EXISTENCIALISMO

Embora muitos filósofos tenham abordado temáticas existenciais (como é o caso de Agostinho, Pascal ou Sócrates), o Existencialismo é um conjunto de doutrinas segundo as quais a função da Filosofia se resume à análise e à descrição da existência humana concreta, que se funda na liberdade.

Buscando identificar alguns pontos comuns aos diversos pensadores e correntes do Existencialismo, podemos encontrar:

➤ Os existencialistas privilegiam os estados da alma, em detrimento do conhecimento teórico, objetivo ou lógico. De certo modo, insurgem-se contra a razão, considerado impotente para explicar os paradoxos do mundo e da vida; destacam, em contrapartida, a angústia, o desespero, a náusea, o absurdo ou a fé, entendidos como experiências existenciais e anímicas;

➤ Ao se preocuparem com o sujeito concreto e individual, pela reflexão subjetiva e interior, os existencialistas enfatizam sobremaneira o subjetivismo, o indivíduo e sua autonomia;

➤ Também não se interessam pela investigação das essências, ou por problemas da natureza ou da cosmologia, ocupando-se unicamente da existência humana, entendida como possibilidade ou liberdade. A partir daí, discutem a existência na sua autenticidade ou não, a má fé, a angústia e o desamparo frente à liberdade e a escolha;

➤ Da mesma forma, se ocupam da morte, já que a suprema e derradeira possibilidade do homem é a morte; a morte é sempre individual, é a minha morte. A morte, sendo pessoal e intransferível é o sinal da finitude humana, e fator de individualização;

➤ Em virtude da primazia do irracional e do subjetivo, a moral, do ponto de vista do existencialismo, reside na liberdade e na autonomia, não existindo um conjunto de princípios morais universais à que se deva ater;

➤ A filosofia existencialista é uma reação ao racionalismo e ao otimismo do século XIX. Ela se opõe às filosofias que dissolvem a subjetividade nos esquemas da razão, ou se tudo pretendem explicar pela ciência ou pela história. Também desacredita do progresso, principalmente a partir da segunda metade do século XX, após Auschwitz, a segunda guerra mundial e a bomba atômica.

O Existencialismo foi fortemente influenciado pelos filósofos da vida, Arthur Schopenhauer e F. Nietzsche, para quem o elemento último da realidade é o desejo, força irracional e destituída de moralidade. Também nesse sentido, embora existam os existencialistas religiosos, a tônica mais geral do Existencialismo é a de opor-se ao Cristianismo ou às religiões em geral. Outro filósofo importante para a compreensão dessa corrente filosófica é Kant, em vários pontos: para esse filósofo, a metafísica, enquanto domínio da razão pura, é uma impossibilidade; a moral se radica na autonomia do indivíduo, e não na religião, e a liberdade é a essência do ser humano.

É comum o uso do método fenomenológico pelos filósofos dessa linha. A fenomenologia é um método típico da filosofia, cuja intenção é voltar às coisas mesmas, buscando descrever-las sem cair no racionalismo esquemático comum a muitos filósofos modernos. Ao estudar um fenômeno qualquer, a fenomenologia tenta descrever-lo tal como ele se apresenta à nossa consciência, suspendendo qualquer juízo ou julgamento a seu respeito. A fenomenologia enfatiza o papel da consciência enquanto doadora de sentido, enquanto dotada de intencionalidade.

3. O EXISTENCIALISMO CRISTÃO

Também no Existencialismo de inspiração cristã, podemos encontrar diversos pensadores, que nem sempre concordam entre si. No entanto, o mais importante deles é o dinamarquês Soren Kierkegaard, o primeiro pensador existencialista de fato, nascido em 1813. Para ele, o trágico e o vivido não se dissolvem no saber, ao contrário, a vida é de uma opacidade insuperável. Kierkegaard procurava uma verdade que fizesse sentido para ele, em nível pessoal; embora religioso, também se opôs à Igreja Luterana, considerada por ele demasiado burocratizada e afastada da religiosidade interior.

A noção de escolha constitui um dos temas centrais de sua filosofia. Rejeitando as filosofias racionalistas, que consideram que a vida humana se desenvolve dentro de esquemas conceituais, as escolhas humanas são arbitrárias, puros atos de liberdade, e não se fazem segundo critérios racionais.

A existência humana não é cognoscível nem pode ser definida racionalmente. O existente é aquele cujo ser se define pela subjetividade, na pura liberdade de eleição. Não uma eleição de coisas, mas uma eleição de si mesmo. Essa eleição é sempre subjetiva, pois a subjetividade é a verdade, para o ser humano. O ser humano não se define segundo uma essência prévia, mas segundo suas possibilidades, que são ilimitadas, pois “no possível, tudo é possível”.

Segundo ele, existem três estágios ou esferas da existência, que necessariamente não são todas percorridas pelos seres humanos, nem também vivenciadas nessa escala sequencial.

Na primeira etapa, a fase estética, predomina o gozo, a impressão sensível e o imediato. Conforme pensa, na fase estética o homem procura, no finito, o próprio infinito, e se frustra inevitavelmente. Conforme vivencia essas experiências, o vazio predomina na alma humana e ela, por desespero, pode transferir-se para a fase ética, onde acontece a busca por uma regra moral universal, a aceitação da culpa e da insuficiência. Nesse momento, acontece a supremacia do dever, livremente escolhido; finalmente, diante da insuficiência radical que ainda experimenta, o homem pode passar à fase religiosa, onde vive solitariamente sua experiência com Deus. Cada fase é superada através do desespero, que é um salto qualitativo motivo pela angústia. Mesmo na fase religiosa não existe certeza, pois toda decisão humana se dá no plano subjetivo e irracional, não se tratando de uma decisão fundada ou justificável. A fé acontece como incerteza, não se sabe se Deus vai ou não acolher a expectativa do crente. Se a fé fosse uma evidência matemática e racional, não teria valor, não representaria um risco. Do ponto de vista da razão, a fé é um escândalo e um ato de heroísmo, que não suprime o desespero insuperável da vida humana.

Kierkegaard vê o desespero de modo positivo, como fator que permite a mudança. A ausência do desespero é a ausência da possibilidade; o desespero não destrói o eu, é o seu verme imortal, fogo inextinguível. Ao desesperar-se o homem deseja libertar-se do seu eu.

“Quem desespera quer, no seu desespero, ser ele próprio. Mas então, é porque não pretende desembaraçar-se do seu eu? Aparentemente, não: mas se virmos as coisas mais de perto, encontramos sempre a mesma contradição. Este eu, que o desesperado quer ver, é um eu que ele não é (pois querer ser o eu que se é verdadeiramente é o contrário do desespero), o que ele quer, com efeito, é separar o seu eu do seu Autor. Mas aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o a ser o eu que ele não quer ser. Entretanto o homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu de sua própria invenção.” (KIERKEGAARD, Soren. *O Desespero Humano*, pag. 201. SP, Abril Cultural, 1984).

4. O EXISTENCIALISMO ONTOLÓGICO

Tendo morrido em 1976, a mais importante figura do existencialismo ontológico alemão é Martin Heidegger, nascido em 1889. Com ele, a fenomenologia torna-se o método filosófico por excelência; sua obra se divide em duas etapas, a primeira das quais é especialmente interessante para nós, em função de seu escopo existencialista. Depois de 1930, Martin Heidegger passa a ocupar-se do ser e de sua apreensão, deixando mais de lado sua análise existencial.

De acordo com a sua filosofia, a investigação a respeito do ser passa, antes, pela questão do homem, pois este é o ente que interroga a respeito do ser. O filósofo deve partir da existência humana (na linguagem heideggeriana, *dasein*, que significa ser-aí) tal como ela se dá à nossa consciência, a fim de elevar-se até o desvendamento do ser em si mesmo, que é o objetivo principal de toda a inquirição filosófica.

Na análise da condição humana, descobrirá que o modo de ser do *dasein*, do ser humano, é a existência, constituída fundamentalmente por possibilidades. Em sua obra “*Ser e Tempo*”, descreveu a vida cotidiana do Homem, na sua forma chamada inautêntica, constituída pela facticidade, existencialidade e pela ruína.

O homem se acha “lançado no mundo”, sem que a sua vontade tenha disso participado, nisso consistindo a sua facticidade. Se apropria das coisas do mundo e se antecipa às suas próprias possibilidades, existindo na frente de si mesmo e se projetando para fora de si mesmo, nisso consistindo sua existencialidade. Sua existencialidade, ou transcendência, não é um comportamento qualquer, possível para o ser humano, ao lado de outros, mas é a sua própria natureza fundamental, a sua capacidade de esboçar um projeto, onde ele demonstra a sua originária liberdade. A transcendência é um ato de liberdade, é a própria liberdade que se limita e se condiciona, colocando-se no mundo e sofrendo as suas limitações. O terceiro aspecto fundamental da existência humana, revelado pela análise existencial, é a ruína, o desvio que cada indivíduo pode realizar em relação ao seu projeto essencial, que fica sacrificado em benefício de um opressivo “eles”, que retira cada pessoa de seu projeto em favor de preocupações cotidianas, que o distraem e o perturbam, tornando-o anônimo na massa indistinta, onde ele se torna um ser vegetativo, exilado de si mesmo e distanciado do ser. A existência inautêntica faz parte da estrutura existencial do homem, sendo uma sua possibilidade, a queda do ser do homem ao nível das coisas do mundo.

Analizada a existência inautêntica, pode-se procurar o ser, que somente se revela na existência autêntica do homem, através da angústia. Somente a angústia, dentre todos os sentimentos, é capaz de reconduzir o homem à sua própria totalidade, resgatando-o da monotonia da vida do “eles” e fazendo-o elevar-se da defecção de si mesmo e das mesquinharias do dia-a-dia. A angústia não pode ser explicada; não se sabe a sua razão, nem a sua origem, pois ela não provém de fato algum do mundo. Ela envolve o homem em uma radical estranheza, e lhe abre duas perspectivas: retornar ao cotidiano e às suas atividades rotineiras, ou superar a própria angústia, manifestando o seu poder de transcendência. Assumindo o seu passado e o seu projeto de ser, o homem afirma a sua presença no mundo, vence a angústia e conduz o seu próprio destino.

Para a compreensão do ser, tarefa fundamental da vida e da própria filosofia, é preciso empreender uma reflexão sobre o nada. Para ele, o nada é a negação da totalidade do ente, o absolutamente não-ente. A descoberta do nada se faz através do *Dasein*, do ser que pergunta pelo nada, ou seja, pelo próprio ser humano.

“Acontece no ser-aí do homem semelhante disposição de humor na qual ele seja levado à presença do próprio nada?

Este acontecer é possível e também é real – ainda que bastante raro – apenas por instantes, na disposição de humor fundamental da angústia (...)"

"Sem dúvida, a angústia é sempre angústia diante de... mas não angústia diante disto ou daquilo. A angústia diante de... é sempre angústia por... mas não por isto ou aquilo. O caráter de indeterminação daquilo diante de e por que nos angustiamos, contudo, não é apenas uma simples falta de determinação, mas a essencial impossibilidade de determinação." (...) O nada se revela na angústia, mas não à semelhança de alguma coisa ou de algum ente. A angústia não é uma apreensão do nada, mas, por ela, o nada se torna manifesto (HEIDEGGER, Martin. Que é Metáfisica, pag. 31. SP, Abril Cultural, 1979)

Continua Heidegger: "somente na clara noite do nada da angústia surge a originária abertura do ente enquanto tal: o fato de que é ente – e não nada. (...) somente à base da originária revelação do nada pode o ser-aí do homem chegar ao ente e nele entrar." "Ser-aí quer dizer: estar suspenso dentro do nada. Suspendendo-o dentro do nada o ser-aí já sempre está além do ente em sua totalidade. Este estar além do ente designamos a transcendência." (Idem, ibidem, pag. 32)

Para ele, o nada é a possibilidade de revelação do ente enquanto tal para o ser humano. O ser mesmo, finito na sua manifestação no ente, somente se manifesta na transcendência do ser-aí, suspenso dentro do nada.

Desde o início de *Sein und Zeit* (Ser e Tempo), Heidegger declara sua intenção de partir, na investigação da questão do ser, da análise do ser humano concreto e singular. Toda a problemática metafísica é colocada a partir do Homem, ainda que não se esgote nele.

Somente o ser humano experimenta a existência como problemática. Somente ele é uma presença ôntica que questiona a respeito do Ser. Ser um ser humano é estar enraizado, imerso na trivialidade cotidiana do mundo; o dasein só pode ser um in-der-selt-sein, um ser-no-mundo. Mas somente o homem é capaz de ficar fora de si mesmo, de transcender a sua ek-sistência, consistindo em possibilidades. Por meio delas, o homem pode escolher-se e conquistar-se, mas também perder-se e afastar-se do Ser.

Originariamente, o homem está lançado no mundo, sem escolha pessoal para tanto. Em sua vida com os demais, pode dissolver-se, indiferenciar-se. Ou então ek-sistir, assumir a sua existência com uma carga que lhe é inerente, assumindo a solidão e o desamparo de existir segundo essa maneira. Por isso, a angústia é o sentimento mais profundo do Dasein, pois que o arranca da traição a si mesmo, forçando-o a elevar-se ao nível da autenticidade, ou a mergulhar novamente na trivial banalidade do mundo.

Contrariando a filosofia clássica, Heidegger considera que o Homem só pode chegar a apreender a sua própria totalidade e significação quando enfrenta o seu "não-mais-ser-aí", isto é, quando se defronta com a sua finitude insuperável. Somente por ser finito, é que tem o Dasein acesso ao sentido do seu ser; portanto, o sentido mais autêntico do ser humano é ser um ser para a morte, um *sein-zum-tode*.

Morrer é algo estritamente pessoal. A morte significa uma especial possibilidade de ser, a possibilidade de não ter mais possibilidades.

"Ser-para-a-morte é, em essência, angústia", e aqueles que nos privam, ou tentam nos privar, dessa angústia – sacerdotes, médicos ou charlatães racionalistas – afastam-nos de nossa própria vida. Na aceitação de sua terminalidade existencial, o homem encontra sua suprema liberdade. Assim, a angústia diante do nada e do próprio nada redime o homem da possibilidade de uma vida inautêntica e rotineira.

O homem só existe para a morte; sendo essencialmente um ser-para-a-morte, vive angustiado.

5. O EXISTENCIALISMO ATEU

O filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) é quem melhor traduz a interpretação atéia do Existencialismo. Utilizando o método fenomenológico, ele considera que o ser dos fenômenos é exatamente aquilo que aparece, que se evidencia, não existindo outra realidade para além dessa. A consciência, na sua intencionalidade, isto é, na sua abertura para o mundo, visa objetos exteriores à ela, que não são conscientes; à tais objetos, Sartre denomina “ser-em-si”.

Somente podemos dizer, do “ser-em-si”, que ele é. Ele simplesmente é. Ele é opaco, sem relações fora de si, não derivado de nada. Já a consciência, por ele denominada “ser-para-si”, é radicalmente diferente. Podemos afirmar que o “ser-em-si” é fechado, sem aberturas e espaços, enquanto a consciência, “ser-para-si”, é aberta, é presença para si mesma. Por isso, a consciência sempre pode ultrapassar à si mesma, não se limitando dentro de suas fronteiras, como o “ser-em-si”. O homem, “ser-para-si”, vive na transcendência, ultrapassando a si mesmo perpetuamente. Sendo um vazio dinâmico, a consciência é a instância onde o nada se manifesta para os seres humanos. (CHAUÍ, Marilena de Souza, in: SARTRE, Vida e Obra. Coleção Os Pensadores, Editora Abril Cultural. SP, 1984, pag. X)

Segundo CHAUÍ, a teoria sartreana do ser-para-si conduz à uma teoria da liberdade. O ser humano define-se como ação, e a primeira condição para tal é a liberdade. Cada homem é obrigado a escolher a si mesmo e a definir a sua maneira de ser. A liberdade se origina do nada, que obriga a pessoa a definir-se, a fazer-se. Por isso, segundo Sartre, o ser humano é inteiramente responsável por aquilo que é, não sendo legítimo que transfira essa responsabilidade para o meio externo, para outras pessoas ou para forças estranhas à si mesmo. Em consequência, Sartre prescinde totalmente da ideia de Deus. Não há uma legitimação sobrenatural para os valores, eles são uma criação do ser humano. (Idem, ibidem, pag. XI)

Nas palavras do próprio JP Sartre, toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humanas; para ele, o que nos caracteriza é o fato de nossa existência preceder à nossa essência, que é necessário partir da subjetividade. (SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Tradução de Rita Correia Guedes. SP, Editora Abril Cultural, 1984, pag. 5)

“Ao concebermos um Deus criador, identificamo-lo, na maioria das vezes, com um artífice superior (...) Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina.” (Idem, ibidem, pag. 5)

Ao afirmarmos que existe uma natureza humana, entendemos que cada homem, individualmente, é um exemplar da natureza humana, que é universal e a mesma para todos. Conforme SARTRE, no entanto, existe um ser que, antes de poder ser definido por qualquer conceito, existe. Nesse ser, o ser humano, a existência precede à essência. Se de início o ser humano não é nada, somente posteriormente será alguma coisa, a partir do que fizer, ou não, de si mesmo. Nisso reside a nossa subjetividade, segundo ele.

Somos um projeto que pensa a si mesmo, que faz a si mesmo, projetando-se no futuro. O homem é responsável por aquilo que é, ele escolhe e define a si mesmo. Ao definir a si mesmo, através de suas escolhas, propõe um modelo de humanidade que considera adequado e bom. Essa responsabilidade acarreta angústia, desamparo e desespero. Escolher significa decidir, privilegiar e perder ao mesmo tempo, ser isto mas não aquilo.

Mesmo se considerássemos a intervenção de Deus, nada mudaria. Kierkegaard deteve-se na história de Abraão, à quem Deus ordenou que sacrificasse seu filho. Essa mensagem lhe foi transmitida por um anjo, mas, seria realmente um anjo? Ou poderiam ser vozes e alucinações? Como saber que esse anjo realmente traz uma mensagem divina? Eu sempre terei que resolver se a mensagem se dirige realmente à mim; se o anjo realmente era um anjo, se ele de fato portava uma mensagem divina. (Idem, ibidem, pag. 8)

Para o existentialista, é extremamente incômodo que Deus não exista, pois assim desaparece toda possibilidade de encontrarmos o bem a priori, ou valores inscritos num céu inteligível, que nos livrasse da

angústia da escolha e da decisão. Deus não existindo, tudo está permitido, cabendo ao homem encontrar, apenas nele próprio, e jamais fora de si mesmo, seu próprio suporte. Como ele dizia, “estamos sós, sem desculpas.”

Dessa forma, estamos condenados a sermos livres. Nenhum sinal nos indica o que fazer, pois somos nós mesmos que deciframos os sinais. Mesmo as morais laicas, como a de Kant, não resolvem a questão, pois as fórmulas abstratas não funcionam em situações concretas ambíguas; quando a escolha se faz não entre o bem e o mal, mas entre bens relativos e concorrentes. Também não adianta pedir ajuda à conselheiros, pois somos nós que os escolhemos. O desamparo significa que somos nós, solitariamente, que escolhemos o nosso ser. Transferir essa responsabilidade para outrem, para ele, é a Má Fé. A má fé dissimula a necessidade da escolha, nega a liberdade, transforma o ser humano em objeto, em vítima. Ao contrário, o existencialismo segundo Sartre o entende, é um autêntico humanismo, pois tudo coloca na responsabilidade e no arbítrio do homem.

Interpretando o pensamento de SARTRE, o filósofo Gerd Bornheim considera que vivemos um tempo de profundas transformações, onde a cultura ocidental atravessa uma crise sem precedentes. Nesse momento, o homem está abandonado a si mesmo e escravo de sua própria subjetividade. Bornheim analisa os versos de Fernando Pessoa:

“Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes
Desertas por que não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu”.

Segundo ele, de certo modo, todos nós somos sartrianos. “O individualismo, por exemplo, não delimita tão-somente um problema particular, nem se restringe a caracterizar o comportamento de tal indivíduo; mas do que isso, define a própria atmosfera social do homem contemporâneo.” (BORNHEIM, Gerd. SARTRE. SP, Editora Perspectiva, 2ª edição, 1984, pag. 301)

Para ele, a experiência mais avassaladora da Humanidade consiste no ateísmo. Mas o ateísmo de Sartre recusa o materialismo. Ele recusa o homem como ser-objeto, definido pela matéria ou pelas condições exteriores. O homem, ser em eterno movimento, tem seu fundamento no nada e não no ser. Essa é uma exigência de sua liberdade, de sua subjetividade. No fundo, Sartre se queixa de Deus, que não resolve nada, e que não isenta o ser humano de radicais experiências negativas. Estando abandonado e limitado à condição humana, a ideia de Deus surge como uma forma do ser humano superar e transcender à si mesmo. Para que Deus seja, o homem não pode ser. Por outro lado, a afirmação da subjetividade torna Deus inútil, pois faz do homem a medida de todas as coisas. Conclui assim Gerd Bornheim: “hoje, mais do que nunca, tudo é missão.” (Idem, ibidem, pag. 310)

6. COMENTÁRIOS FINAIS

De acordo com Paul Tillich, pensador existencialista identificado com a perspectiva de Kierkegaard, a coragem de ser é a afirmação de nossa própria natureza, em relação ao que é acidental e transitório. A afirmação do nosso ser essencial, a despeito do sofrimento e da morte, traz alegria. Alegria é a auto afirmação do ser. “Coragem é a auto-afirmação do ser a despeito do fato do não-ser. É o ato do eu individual em tomar a ansiedade do não-ser sobre si (...) sempre inclui um risco, está sempre ameaçada pelo não-ser, seja o risco de perdermos-nos e tornarmos-nos uma coisa dentro do todo de coisas, ou seja o de pertermos nosso mundo numa auto-relação vazia.” (Paul TILLICH, A Coragem de Ser. RJ, Paz e Terra, 1977, pag. 121)

Investigando o tema da existência humana, podemos considerar que a vida é um problema esmagador para um animal desprovido de instintos como o ser humano. Para poder sobreviver, todo animal precisa parcializar o mundo, reduzir a intensidade e a dimensão da realidade com a qual ele interage. No entanto, quando essa restrição impede que se façam novas escolhas e que se explore o mundo, temos uma situação restritiva. Para Ernest Becker, essa atitude, que também indica uma neurose, significa uma desistência de si mesmo. Através dos sintomas, as pessoas encontram formas de organizar uma realidade que parece intolerável. Restringindo por demais a vida, de certo modo não se evita a morte, mas se obtém uma espécie de “morte em vida”. Se o homem comum não vive a angústia, é porque a escondeu por trás de um pesado muro de repressões, diz ele. (Ernest BECKER, A Negação da Morte. SP, Círculo do Livro, sd.)

Segundo ele, o que caracteriza a vida moderna é o fracasso das tradicionais ideologias da imortalidade em absorverem o heroísmo e a vida humanas, dando-lhes um sentido. Por causa do eclipse do sagrado, ao abolir as ideias de Deus e da alma, o homem ficou entregue aos seus próprios recursos, sozinho e sem desculpas. “Idem, ibidem, pag. 218)

O homem moderno se tornou psicológico porque se isolou das metafísicas protetoras, que o inseriam numa ordem racional maior que ele mesmo. Passou a ser necessário justificar-se a si mesmo, a partir do seu íntimo.

“A psicologia restringe a causa da infelicidade pessoal à própria pessoa, e então ela se vê embaraçada consigo mesmo. (...) Toda a análise do mundo não permite à pessoa descobrir quem ela é e por que está na Terra, por que tem de morrer e como pode fazer de sua vida um triunfo.” (Idem, ibidem, pag. 220)

O homem moderno, ao ter que buscar o sentido da sua vida na introspecção psicológica, elege como sacerdotes do mundo atual os psicólogos e psicoterapeutas. Estes, no entanto, despojam de todo mistério a vida humana, tudo pretendendo reduzir ao banal e explicando todas as culpas e ansiedades segundo um registro psicológico.

Na leitura de Kierkegaard, a única solução possível se acha no plano da fé, quando a criatura, desesperada pela sua finitude, encontra um Absoluto pessoal com o qual possa manter uma relação. No entanto, no mundo atual, com a falência das religiões tradicionais, o indivíduo é convidado a elaborar uma fé religiosa pessoal, e assim, novamente, recai na armadilha do psicologismo.

PRINCIPIOS PARA UMA ‘BOA MORTE’ PUBLICADOS POR UMA REVISTA MÉDICA INGLESA

1. Saber quando a morte está chegando e compreender o que deve ser esperado;
2. Estar em condições de manter controle sobre o que ocorre;
3. Poder ter dignidade e privacidade;
4. Ter controle sobre o alívio da dor e demais sintomas;
5. Ter possibilidade de escolha e controle sobre o local da morte (na residência ou em outro local);
6. Ter acesso à informação e aos cuidados especializados de qualquer tipo que se façam necessários;
7. Ter acesso a todo tipo de suporte espiritual ou emocional, se solicitado;
8. Ter acesso a cuidados paliativos em qualquer local, não somente no hospital;
9. Ter controle sobre quem está presente e quem compartilha o final da vida;
10. Estar apto a decidir as diretivas que assegurem que seus direitos sejam respeitados;
11. Ter tempo para dizer adeus e para ter controle sobre outros aspectos;
12. Estar apto a partir quando for o momento, de modo que a vida não seja prolongada Indefinidamente. (British Medical Journal, 2000, v. 320, pag. 129-130)

MANUAL DOS DIREITOS DA PESSOA QUE ESTÁ MORRENDO

1. Tenho o direito de não morrer só, assim como tenho o direito de ser deixado só, se assim o desejar;
2. Tenho o direito de contar com o religioso local ou com outro líder comunitário e solicitar ajuda da vizinhança para dar suporte a mim e aos que cuidam de mim; tenho o direito de contar com as “parteiras para o

moribundo” (“midwives for the dying”), ou seu equivalente, para me atender em minhas necessidades físicas, emocionais e espirituais;

3. Tenho o direito de receber a assistência dos especialistas em alívio da dor, da mesma forma que receberia se estivesse em um hospital ou em um leito de hospice;
4. Tenho o direito de não ser levado ao hospital sem meu consentimento quando minha condição física se deteriorar ou, se for necessária uma cirurgia em um hospital para alívio de dor, tenho o direito de voltar para casa em seguida; tenho o direito de ser respeitado em qualquer dos itens do meu Living Will (Testamento Vital) que tiver escolhido e assinado. Que meus desejos sejam atendidos e respeitados, mesmo não estando em condições de plena consciência; tenho o direito de rejeitar estimulantes cardíacos, transfusões de sangue ou outras intervenções médicas para o prolongamento da vida;
5. Tenho o direito – até o quanto desejar – de saber a verdade sobre minha condição e sobre os propósitos, alternativas e consequências dos tratamentos propostos; tenho o direito de jejuar quando a morte se aproximar – se assim o desejar – sem ser forçado a receber alimentação de qualquer forma;
6. Tenho o direito de discutir minha morte e o morrer, meu funeral ou quaisquer outros assuntos relacionados abertamente aos que cuidam de mim;
7. Tenho o direito de estar consciente e de ter uma morte o mais digna possível nas circunstâncias;
8. Tenho o direito – se assim o expressar e as circunstâncias permitirem – de que meu corpo permaneça sem ser perturbado em casa, por um tempo após a morte, e que meu funeral seja cuidado pelos meus parentes e amigos – se eles assim o desejarem – sem a intervenção dos agentes funerários.

Fonte: MENEZES, Rachel A. Em Busca da Boa Morte. RJ, Fiocruz.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA UTILIZADA NA DISCIPLINA REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE A MORTE

1. ARIÈS, Phillippe. História da Morte no Ocidente. Tradução de Priscila V. Siqueira. RJ, Nova Fronteira, 2012.
2. BARTHES, Roland. Diário do Luto. Tradução de Leyla P. Moisés. SP, Martins Fontes, 2011.
3. BAYARD, Jean-Pierre. Sentido Oculto dos Ritos Funerários. Tradução de Benoni Lemos. SP, Paulus, 1996.
4. BRAET, Herman e VERBEKE, Werner. A Morte na Idade Média. Tradução de Heitor Megale e outros. SP, EDUSP, 1996.
5. CARMO, Raymundo Evangelista do. Fenomenologia Existencial. BH, Editora O Lutador, 1974.
6. -----. Antropologia Filosófica Geral. BH, O Lutador, 1975.
7. CESAR, Bel. Morrer não se Improvisa. SP, Editora Gaia, 2001.
8. COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. Tradução de Jonas C. Leite e Eduardo Fonseca. SP, Hemus, 1975.
9. DESCARTES, René. Discurso do Método. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. SP, Abril Cultural, 1979.
10. DUBY, Georges. Guilherme Marechal. Tradução de Renato J. Ribeiro. RJ, Graal, 1988.
11. ELIAS, Norbert. A Solidão dos Moribundos. Tradução de Plínio Deutzen. RJ, Zahar, 2001.
12. FRIEDMAN, Meyer e FRIEDLAND, Gerald. As Dez Maiores Descobertas da Medicina. Tradução de J. Rubens Siqueira. SP, Cia. Das Letras, 2006.
13. GAWANDE, Atul. Os Mortais. Tradução de Renata Telles. RJ, Objetiva, 2015.
14. GORDON, Richard. A Assustadora História da Medicina. Tradução de Aulyde S. Rodrigues. RJ, Ediouro, 1996.
15. GUSDORF, Georges. Mito e Metafísica. Tradução de Hugo de P. Paz. SP, Editora Convivio, 1980.
16. HEGENBERG, Leônidas. Doença, um estudo filosófico. RJ, Fiocruz, 1998.
17. HEIDEGGER, Martin. Obras Escolhidas. Tradução de Ernildo Stein. SP, Abril Cultural, 1979.
18. HOLLINGHAM, Richard. Sangue e Entranas. Tradução de Miriam Inês Ibañez. SP, Geração Editorial, 2011.
19. KIERKEGAARD, Soren. Obras Escolhidas. Tradução de Carlos Grifo e outros. SP, Abril Cultural, 1984.
20. KOVÁCS, Maria Julia. Educação Para a Morte. SP, Casa do Psicólogo, 2012.
21. LAPLANTINE, François. Antropologia da Doença. Tradução de Walter Lelis Siqueira. SP, Martins Fontes, 1991.
22. LE BRETON, David. Compreender a Dor. Tradução de Manuel Anta. Portugal, Editora Estrela Polar, 2007.
23. LESKY, Albin. A Tragédia Grega. Tradução de Alberto Guzik. SP, Perspectiva, 1976.
24. MENEZES, Rachel A. Decisões Dificeis, etnografia de um centro de tratamento intensivo. RJ, Fiocruz, 2006.

25. -----. Em Busca da Boa Morte. RJ, Garamond-Fiocruz, 2004.
26. MONDOLFO, Rodolfo. O Pensamento Antigo. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. SP, Mestre Jou, 1971.
27. NASIO, J.D. A Dor de Amar. Tradução de André Telles. RJ, Zahar, 2007.
28. NULAND, Sherwin. Como Morremos. Tradução de Fábio Fernandes. RJ, Rocco, 1995.
29. PAZ, Octavio. Vislumbres da India. Tradução de Olga Savary. SP, Mandarim, 1997.
30. PESSINI, Léon. Distanásia, até quando prolongar a vida? SP, Loyola, 2001.
31. -----, e BERTACHINI, Luciana. O Que Entender por Cuidados Paliativos? SP, Paulus, 2006.
32. REALE, Giovanni. Corpo, Alma e Saúde. O Conceito de Homem de Homero à Platão. Tradução de Marcelo Perine. SP, Paulus, 2002.
33. RODRIGUES, José Carlos. O Corpo na História. RJ, Fiocruz, 2001.
34. -----. Tabu da Morte. RJ, Achiamé, 1983.
35. SANTOS, Franklin S. e INCONTRI, Dora. A Arte de Morrer. SP, Comenius, 2007.
36. SARTRE, Jean-Paul. Obras Escolhidas. Tradução de Rita Correa Guedes e outros. SP, Abril Cultural, 1984.
37. SCHULER, Donald. Aspectos Estruturais da Ilíada. Porto Alegre, Editora da UFRGSul, 1972.
38. SOLOMON, Robert. Espiritualidade para Céticos. Tradução de Maria Luiza X. A. Borges. RJ, Civilização Brasileira, 2003.
39. TORRES, Wilma da Costa e outros. Psicologia e a Morte. RJ, FGV, 1983.
40. VARELLA, Drauzio. Por um Fio. SP, Cia. Das Letras, 2004.
41. VERNANT, Jean-Pierre. A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado, in Revista Discurso. SP, Editora da USP, Nov 1978.
42. -----. As Origens do Pensamento Grego. Tradução de Isis Borges B. Fonseca. SP, Difel, 1984.
43. VOVELLE, Michel. As Almas do Purgatório. Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani. SP, Editora Unesp, 2008.